ARTHUR MORAES CARDOSO

DESCARTÁVEL

Quanto vale um homem quando ele deixa de ser útil?



O mundo não perguntou quem você era. Perguntou o que você ainda podia oferecer.

ARTHUR MORAES CARDOSO

DESCARTÁVEL

Quanto vale um homem quando ele deixa de ser útil?

O mundo não perguntou quem você era.
Perguntou o que você ainda podia oferecer.

DESCARTÁVEL

© 2026 Arthur Moraes Cardoso. Todos os direitos reservados.

Edição digital

Ensaio literário. As cenas narrativas ilustram as situações discutidas ao longo do livro.

Sumário

Prólogo · O dia em que você deixou de existir 5

I A grande mentira 11

01 Você não é especial 12

02 O amor tem um preço 25

03 O contrato que você nunca assinou 38

II O prazo de validade 61

04 Parabéns, você está velho 62

05 Foda-se a sua história 86

06 Os humanizados 116

III A sociedade do espetáculo 139

07 Você não dá likes 140

08 A bondade seletiva 168

09 O mercado da virtude 192

IV Quando as luzes se apagam 219

10 Onde estão todos? 220

11 O silêncio também é uma resposta 249

12 O luto por quem você era 277

V O que sobra de um homem? 305

13 A armadilha da utilidade 306

14 Quem é você quando ninguém está olhando? 329

15 Recuse-se a ser descartável 353

Epílogo · A última coisa que podem tirar de você 381

Notas finais 384

Referências bibliográficas 391

O dia em que você deixou de existir

Não houve uma cerimônia. Ninguém anunciou sua partida, ninguém preparou um discurso de despedida, ninguém lhe enviou uma notificação informando que seu prazo de validade havia expirado. Não houve sequer a delicadeza de um aviso prévio.

Você simplesmente começou a deixar de existir.

O telefone tocou menos. Os convites rarearam. Na caixa de entrada, ainda estavam as mensagens de quem precisava de uma resposta sua para ontem. Você continuava sabendo responder. A urgência é que havia mudado de endereço.

Durante toda a sua vida, ensinaram-lhe que precisava ser alguém. Disseram que deveria estudar, trabalhar, construir uma carreira, constituir uma família, honrar seus compromissos e assumir responsabilidades. Que deveria ser forte diante das adversidades, resiliente diante das derrotas e generoso diante das necessidades alheias.

Disseram que o trabalho dignificava o homem. Que o esforço seria recompensado. Que a competência encontraria reconhecimento. Que as boas ações retornariam de alguma forma.

E você, como tantos outros, acreditou nessa merda toda.

Não apenas acreditou. Organizou sua existência em torno dessas promessas.

Sacrificou noites de sono, finais de semana, aniversários e momentos que jamais poderiam ser recuperados. Adiou sonhos, engoliu desaforos, suportou injustiças e assumiu responsabilidades que, muitas vezes, sequer eram suas.

Quantas vezes deixou de estar com as pessoas que amava porque precisava garantir que nada lhes faltasse? Quantas vezes escondeu suas preocupações para não preocupar os outros? Quantas vezes respondeu que estava tudo bem quando, na verdade, nada estava bem?

Você aprendeu a ser o homem que resolvia os problemas.

O que ninguém lhe ensinou foi como sobreviver ao dia em que o problema seria você.

Sua força era celebrada. Sua fragilidade, tolerada enquanto fosse temporária, discreta e coubesse entre dois compromissos. Nas primeiras semanas, perguntaram como você estava. Depois, começaram a perguntar quando você voltaria a ser quem era. Há preocupação nessa pergunta. Às vezes, há também pressa.

Você está perto dos cinquenta. Já tomou decisões que poderiam quebrar uma empresa. Já tomou decisões ruins e ficou para consertá-las. Quando perde o emprego, calcula quanto tempo consegue passar sem salário. Reserva algumas semanas para descansar e arrumar a casa. O resto é uma questão de tempo.

Pobre sujeito.

Primeiro, dizem que seu perfil é muito sênior. Depois, que a vaga pede energia. Em outra entrevista, perguntam se você se sentiria confortável respondendo a alguém mais jovem. Você diz que sim. Do

outro lado da tela, alguém anota qualquer coisa. Quase dá saudade de quando tinham a falta de educação de discordar na sua frente.

Você passa a enviar currículos para pessoas que não se dão ao trabalho de responder. Participa de entrevistas com profissionais que, em alguns casos, possuem menos tempo de vida do que você possui de carreira. Precisa convencer desconhecidos de que ainda é capaz de fazer aquilo que fez durante anos.

Precisa provar que ainda serve para alguma coisa.

Enquanto isso, abre uma rede social profissional e encontra um espetáculo diário de empatia, humanização e solidariedade.

São discursos sobre pessoas no centro das organizações. Sobre respeito às diferenças. Sobre oportunidades. Sobre saúde mental. Sobre a importância de enxergar o ser humano por trás do currículo.

É comovente.

Pena que, tantas vezes, o ser humano por trás do currículo continua esperando uma resposta.

Aparentemente, humanizar uma publicação é muito mais fácil do que humanizar uma relação.

Vivemos em uma época peculiar.

A bondade ganhou métricas. A solidariedade ganhou audiência. A empatia ganhou departamentos de marketing. A virtude, antes associada àquilo que uma pessoa fazia independentemente de testemunhas, passou a encontrar uma extraordinária oportunidade de valorização quando praticada diante de uma plateia.

Fazer o bem continua sendo importante. Mas demonstrar publicamente que se está fazendo o bem parece ter adquirido uma importância própria.

Ajudar alguém pode gerar reconhecimento, seguidores, prestígio e oportunidades. A ação deixa de possuir apenas uma dimensão humana e passa a possuir também uma dimensão comercial.

O beneficiário da boa ação corre o risco de se transformar em um personagem secundário na narrativa de quem a pratica.

Não importa apenas quem precisa de ajuda. Importa também a história que poderá ser contada depois.

E talvez você não tenha uma história suficientemente interessante.

Um homem de quase cinquenta anos, com uma carreira construída, responsabilidades financeiras, filhos, contas a pagar e uma dificuldade brutal para retornar ao mercado de trabalho não necessariamente produz uma narrativa atraente.

Seu sofrimento é ordinário demais.

Não rende uma fotografia emocionante. Não produz uma história extraordinária de superação. Não permite, necessariamente, que alguém se apresente como protagonista de uma transformação social.

Você é apenas mais um homem tentando sobreviver.

E, em uma sociedade que aprendeu a monetizar até mesmo a atenção, ser apenas mais um pode representar uma condenação à invisibilidade.

Você não dá likes.

Mas o aspecto mais doloroso dessa experiência talvez não esteja no comportamento dos desconhecidos.

É relativamente fácil compreender que uma empresa não possui qualquer compromisso emocional com você. Que um recrutador não conhece sua história. Que o mercado opera segundo interesses

econômicos e que organizações tomam decisões orientadas por suas próprias necessidades.

O que é mais difícil compreender é o comportamento daqueles que você acreditava conhecer.

Aqueles que estiveram presentes nas celebrações, nas conquistas, nas viagens, nos encontros e nos momentos de prosperidade.

Aqueles que procuravam seus conselhos, solicitavam sua ajuda, recorriam aos seus contatos e compartilhavam seus problemas.

Onde estão essas pessoas quando os problemas passam a ser seus?

Algumas permanecerão. Outras desaparecerão. E haverá aquelas que simplesmente não saberão como lidar com a sua situação.

Você descobrirá que nem todas as relações que pareciam profundas possuíam raízes. Algumas existiam porque as circunstâncias eram favoráveis. Outras porque havia interesses em comum. Outras, ainda, porque sua presença representava alguma vantagem.

Não necessariamente financeira.

Você podia oferecer segurança, conhecimento, influência, companhia, soluções, oportunidades ou simplesmente a sensação agradável de estar próximo de alguém que parecia ter a vida sob controle.

Quando essas circunstâncias mudam, algumas relações revelam sua verdadeira natureza.

Você acreditava ter construído amizades.

Talvez, em alguns casos, tivesse construído apenas uma carteira de clientes emocionais.

E agora ninguém quer renovar o contrato.

A dor costuma chegar acompanhada de gente disposta a explicar por que ela vai fazer bem a você. Ninguém precisa transformá-la em lição para que ela mereça ser ouvida. Uma injustiça continua sendo uma injustiça quando a vítima consegue pagar as contas.

Você mesmo ajudou a sustentar parte desse arranjo. Gostava de ser procurado, de resolver, de ter um lugar reservado à mesa. É difícil investigar as condições de entrada enquanto alguém puxa a cadeira para você. Agora, sozinho, corre o risco de adotar contra si os critérios de quem deixou de puxá-la.

É aí que começa esta história. A demissão tem uma data. Você pode encontrá-la no papel que assinou. Para a outra perda, ninguém lhe entregou documento algum. Um dia, você se deu conta de que vinha pedindo licença para ocupar um espaço que antes considerava seu.

Naquele dia, descobriu que podia ser tratado como descartável.